

A capoeira no do Maranhão: algumas questões para reflexão

Leopoldo Gil Dulcio Vaz

Gostaria inicialmente de agradecer ao convite para estar aqui este dia falando sobre Capoeira. O convite é muito especial para mim; talvez, mais do que ter coisas a falar, eu tenha muito a apreender sobre Capoeira, principalmente com os Mestres, Professores, demais Capoeiras e com o público presente. Tenho a pretensão de levantar algumas questões sobre a Capoeira...

Agradeço, então, ao Contramestre Baé e à Federação de Capoeira do Estado do Maranhão. Também gostaria de aproveitar a oportunidade para de público citar alguns Capoeiras que contribuíram para meus estudos sobre essa nobre arte de luta: Índio do Maranhão, Mizinho, Cláudio (meu ex-aluno no CEFET-MA), e claro, Baé, com que tive contato maior e ouvi muito sobre a Capoeira; ao meu Mestre Patinho – meus respeitos e sua licença para me manifestar – com quem tive algumas conversas recentemente e me mostrou que não sabia nada de Capoeira – porque Capoeira é vivência, e eu não vivo a Capoeira; disse-me o Mestre: Capoeira só se aprende na prática. Bela lição para quem tem a pretensão de escrever sobre Capoeira, sem a praticar... Obrigado, Mestre Pato[1]; ainda, Marco Aurélio[2], Domingos de Deus, Acinho, Bamba[3], Senzala e, sobretudo, André Lacé (do Rio de Janeiro) e Miltinho Astronauta e o Cavalheiro, ambos de Sorocaba, meus “colegas” do Jornal do Capoeira [4] ...

Pensei em fazer uma fala que tivesse como preocupação de fundo a atuação e talvez a própria formação dos *educadores de capoeira* – termo que ouvi de vários Mestres e Professores durante as entrevistas realizadas por meus alunos da UEMA, do Curso de Educação Física, quando estávamos construindo o Livro-Álbum dos Mestres Capoeira do Maranhão – ainda inconcluso[5]. Compreendi a importância do uso desse termo – educadores de capoeira – para chamar a atenção para a responsabilidade daqueles (as) que ensinam Capoeira[6].

Parto do entendimento de que a Capoeira é uma prática cultural[7] no sentido mais dinâmico possível do termo.

Mas, o que é a Capoeira? Como podemos defini-la? Tenho encontrado as mais variadas respostas: capoeira é luta; capoeira é um esporte; capoeira é folclore; outros dizem que é um lazer; é uma festa; é vadição; é brincadeira; é uma atividade educativa de caráter informal.[8].

Não me conformo com essas classificações simplistas e reducionistas; compreendi que a Capoeira é tudo isso... Compreender a Capoeira como sendo uma prática cultural[9] representa um salto qualitativo para além das visões essencialistas, que, por vezes, apelam para um mito de origem reivindicando a pureza ou a tradição de certo antigamente da Capoeira.

Quero chamar a atenção para o entendimento de que as práticas culturais, como a Capoeira, não estão paradas no tempo e, por isso mesmo, a transformação constante é inevitável. As necessidades e os problemas dos (as) Capoeiras de outrora não são os mesmos de hoje. A cada dia se joga uma Capoeira diferente. A Capoeira de hoje é diferente da Capoeira de ontem e da de amanhã – esse exemplo de constante transformação demonstra suficientemente bem que a cultura está em permanente mudança.

Assim, práticas culturais são aquelas atividades que movem um grupo ou comunidade numa determinada direção, previamente definida sob um ponto de vista estético, ideológico, etc. [10].

O que importa é dizer que seja qual for a forma de entendermos a Capoeira, seja como luta, esporte, dança ou outra maneira aqui não pensada, um ponto fundamental pode estar na relação dessas idéias com a prática da Capoeira.

O que quero questionar é o seguinte: quais conseqüências uma Capoeira compreendida como esporte, como luta pode ter para seu ensino?[11] Ou quais conseqüências a capoeira entendida como cultura, como vadição pode ter para o seu ensino e para sua prática? Ou melhor, qual dessas opções queremos?

Essas questões estão relacionadas com a defesa de uma capoeira enquanto prática cultural e tem a ver com um pensamento que procura chamar atenção para a necessidade de diálogo com as diferenças. Nesse sentido, até poderíamos falar da existência não de uma capoeira, mas de capoeiras: capoeiras danças; capoeiras lutas; capoeiras esportes; capoeiras culturas; capoeiras angolas, regionais, contemporâneas e assim por diante[12].

Assim como Corte Real[13], devemos adotar a noção de interculturalidade ao se tratar da Capoeira. A educação intercultural é uma forma de educação que: "requer que se trate nas instituições educativas os grupos populares não como cidadãos de segunda categoria, mas que se reconheça seu papel ativo na elaboração, escolha e atuação das estratégias educativas". A mesma visa a promover processos integradores que conciliem os direitos de igualdade dos cidadãos e o direito de diferenças das culturas [14]. Pergunta, então Corte Real: "será que uma roda de capoeira não é um bom exemplo de processo integrador, no qual todos são

iguais no direito à participação, como no direito à diferença de ter seu jeito próprio de vadiar?''.

Nesses mais de dois anos que tenho me dedicado mais a fundo ao estudo da Capoeira maranhense, tenho visto algumas experiências no contexto da capoeira que mostram a possibilidade da construção de projetos coletivos baseados na participação solidária próxima à essa visão de educação intercultural, caracterizadas como a troca de saberes entre universidade/capoeira.

Trago aqui exemplos dessa interação: Primeiro, o Convênio entre UFMA e uma universidade espanhola – Universidad de Múrcia - que realizaram um encontro de Capoeiristas em São Luís, no ano de 2002 – o I Encontro Maranhão-Múrcia de Capoeira Angola (EMAMUR) que aconteceu em setembro daquele ano. Vocês tomaram conhecimento? Foi firmado convênio entre as duas universidades.

Participaram do encontro o professor doutor Jesus Molina Saorín, da Universidade de Múrcia, e mais sete acadêmicos e profissionais espanhóis das áreas de Serviço Social, Educação Física, Educação Musical, Psicologia e Direito, todos adeptos da Capoeira Angola. Eles integram o Grupo de Pesquisa na Diversidade numa Perspectiva Transdisciplinar, daquela universidade. Realizado através do Núcleo de Estudo/Pesquisa e Análise Social do Movimento Humano (Nepas), ligado ao Departamento de Educação Física da UFMA, o I Emamur consiste na primeira dentre muitas outras atividades a serem desenvolvidas pelo convênio. O objetivo deste acordo é estabelecer o intercâmbio entre as duas universidades para qualquer área do conhecimento.

Não se tem notícias de houve continuidade...

Outro exemplo foi a defesa de duas monografias de graduação em áreas distintas de conhecimento:

- a de Mestre Nelsinho, em Educação Física, que resgata a importância de Mestre Sapo na implementação da Capoeira baiana no Maranhão e resgata parte da história da Capoeira maranhense. Esse trabalho de Nelsinho tem que ser divulgado entre todos os que amam a Capoeira, pois se trata de uma pesquisa de suma importância que deve extrapolar os muros da Universidade;

- o outro, na área da Economia, me é especialmente caro: a monografia de minha filha, Loreta Brito Vaz, que estudou a capoeira na perspectiva de fonte de renda e emprego em São Luis. Acredito que muitos de vocês foram participantes-respondentes da pesquisa que empreendeu.

Tenho notícias que outras duas pesquisa foram feitas, uma na área de História, também relatando a vida de Mestre Sapo – ainda não consegui cópia – e outra, em Educação Física, aprovada junto ao colegiado do curso, que estava se iniciando.

Com isso, gostaria de colocar a questão sobre qual poderia ser a contribuição da relação universidade – especialmente de pesquisadores concreta e politicamente envolvidos – com a Capoeira? E mais, qual a contribuição de momentos como este que estamos

vivendo hoje aqui? Qual a importância da Capoeira estar dentro do espaço acadêmico? E indo mais longe, por que a Capoeira não tem sido objeto de estudo de nossas universidades?

Outra questão que gostaria de levantar, diz respeito à música... Mestre Patinho chamou-me a atenção para o aspecto educacional que a música tem dentro da Capoeira. Para ser, realmente, um Capoeira, a musicalidade deve ser desenvolvida, não apenas através do saber executar as ladainhas, os cantos, as chamadas, mas de saber os seus significados, o que dizem... Mais, aprender a executar os instrumentos, a cantar, o ritmo... Tudo é questão de ritmo, e é o ritmo que determina os movimentos; se você não dominar o ritmo, não executará os movimentos...

Temos observado que a música, na Capoeira, tem assumido um caráter de protesto e contestação social; observamos que as músicas são sempre improvisadas, e em geral falam do negro na senzala, do negro livre, da religião, da comunidade, seus hábitos, seus feitos, etc., algumas vezes são cantos de louvor, tristeza, revolta, desafio[15]

A música organiza uma série de práticas educativas informais na Capoeira ao ditarem normas da dinâmica do jogo; e ao assumirem a narrativa das lutas da cultura popular, especialmente negra. Como Mukuna (1980) [16], a capoeira hoje reivindica ser patrimônio da cultura brasileira, podemos afirmar que essa prática cultural ainda potencializa uma dimensão crítica de protestos e contestação social? Qual é ou qual tem sido o papel da música na atuação dos educadores de capoeira? A música é um saber que está ao alcance de todos e todas na capoeira? As temáticas tratadas nas músicas tem favorecido idéias comunitárias?

E por fim, outro questionamento seria sobre a atuação daqueles que são responsáveis por aquilo que se constitui um conjunto de práticas educativas informais, ou seja, aqueles que chamamos de professores e professoras ou para lembrar educadores de capoeira. Como esses educadores desenvolvem informalmente seus processos de formação? Como desenvolvem estratégias de organização educativa, por exemplo, mediadas pela música? Quais são as suas visões e opiniões sobre as atuais discussões sobre a regulamentação dos profissionais da capoeira?

Gostaria de concluir - com Corte Real -, fazendo um balanço das idéias e questões levantadas[17]. Penso que seja válida a visão da capoeira como sendo dinâmica, inserida no processo histórico e em constante transformação. Portanto, como uma prática cultural, que engloba os aspectos de arte, luta, dança, esporte, educação, resistência entre outros.

Lembrar também da possibilidade de compreender a capoeira na perspectiva intercultural da educação significa reconhecer a riqueza dessa prática cultural em suas múltiplas formas. Por isso mesmo, a perspectiva intercultural chama atenção para necessidade de reconhecimento das diferentes formas de manifestação da capoeira.

Necessidade também de reconhecer a individualidade de cada pessoa e sua contribuição, seja para realização de uma roda de capoeira, seja na luta por seu reconhecimento. Mas, sobretudo, a ideia de intercultural chama atenção para necessidade de lidarmos com todos os tipos de conflitos presentes numa prática cultural como a capoeira que mostram que a capoeira é, de fato, uma luta, assim como a cultura é um campo de lutas sociais.

Termino, então, com as questões:

- Quais consequências de compreender a capoeira como prática cultural em transformação que engloba esporte, luta, arte, resistência, educação entre outros aspectos? Quais opções dessas queremos?
- Até que ponto a roda ou a capoeira como um todo é um exemplo de educação intercultural? Ou seja, a capoeira pode ser um espaço de participação de pessoas diferentes unidas por objetivos comuns?
- Qual pode ser a contribuição da relação da universidade com a capoeira? Acadêmicos e capoeiras podem ter algo a aprender juntos?
- Qual tem sido o papel da música na atuação e formação dos educadores de capoeira?

Se alguma de todas essas palavras que disse conseguiu mexer um pouco com os pensamentos de vocês, assim como o capoeira se mexe quando o berimbau chora, terei cumprido o meu propósito em estar nesta roda.

Segue o jogo.

Obrigado